

# Natália Correia – De alma aberta

Tomai-me as ancas fartas dão para água  
e as açucenas que ainda são mamudas.  
Dos olhos tomai pranto, é boa rega,  
já que a chorar por vós vos dei fartura.

Dos ouvidos, silvos que os ocuparam  
tomai que até farelo pus em música.  
Calo a farinha. Anjos a trituraram.  
De agro celeste, o grão não mói a Musa.

De árduos sentidos que chamais pecados  
tomai só os mortais. Dão uma récuca.  
Dos imortais nem um que são velados  
por vapores de alvorada paraclética.

Tomai riso também se quereis folia:  
mete rabeça e balho o Sprito Santo.  
Nos fúlgidos milagres da pombinha  
embuça-se o divino no profano.

Tomai polme a ferver de ilhoa irada,  
mesmo o coice que dá depois de morta.  
Eu deito fogo para não ser queimada.  
Mas serva e cervá sou por trás da porta.

Tomai gestos que são dos sete palmos  
e para vermes eu não ponho a rubrica.  
De publicar-me em pó estais perdoados.  
Devo-me eterna vendida em hasta pública.

Traficantes de peles, à puridade  
vos digo: só mentira arrecadais.  
Porque tal como o lótus, a verdade  
vos dou na comunhão que não tomais.

## Natália Correia, Poesia completa